

2011 – LIVRO/BOOK – LA MODERNIDAD IGNORADA

TELES GRILO, Maria João (2011) "Vasco Vieira da Costa - Los Caminos Sombreados del Sol ", in La Modernidad Ignorada: Arquitectura Moderna de Luanda, Roberto Goycoolea Prado e Paz Núñez Martí (dir.), pp. 195-208, Universidad de Alcalá, Madrid, ISBN: 978-848-875-444-8

TELES GRILO, Maria João (2011) "Vasco Vieira da Costa - The Shaded Roads of the Sun", in The Modernity Ignored: Modern Architecture of Luanda, Roberto Goycoolea Prado and Paz Núñez Martí (dir.), pp. 195-208, University of Alcalá, Madrid, ISBN: 978-848-875-444-8

<http://cargocollective.com/arquitecturamodernaluanda/filter/textos/Texto-6>
<http://cargocollective.com/arquitecturamodernaluanda/filter/textos/Texto-60>

la modernidad ignorada

arquitectura moderna de Luanda

roberto goycoolea prado
pat nuñez martí



Vasco Vieira da Costa

Los caminos sombreados del Sol

Maria João Teles Grilo

MARIA JOÃO TELES GRILLO

metapolis.pac@gmail.com

Arquitecta

Departamento de Arquitectura de la Universidad

Agostinho Neto

Luanda, Angola

Nos cuenta Lina Bo Bardi que cuando Le Corbusier visitó Brasil en 1936 escribió una famosa carta al Ministro Gustavo Capanema que decía: Sr. Ministro, no mande construir teatros con palcos y butacas, deje las plazas, las calles, los espacios verdes -libres- mande únicamente construir estrados, estructuras de madera abiertas al pueblo y el pueblo brasileño los ocupará "improvisando" con su elegancia natural y su inteligencia. Treinta años después, sin tener conocimiento, o sí, de estas sugerencias, Vieira da Costa, hablando de Angola, dice a José Quintão: este clima es tan exuberante que se necesita muy poco para hacer arquitectura.

En Vieira da Costa la arquitectura se reafirma rescatando el lugar, vive con el paisaje experiencias lúcidas y separadas, protagonizando un debate sobre los caminos de la arquitectura en África, donde razones climáticas y problemas sociales condicionan su búsqueda y exigen que el arquitecto se responsabilice frente a la colectividad, al todo social.

Al dejar Rue de Sevres, donde trabajó con Le Corbusier, escogiendo vivir distanciado de los centros donde predominan las élites sociales, Vieira da Costa se negó a domesticar sus pasiones. Entendió, con una extraña lucidez, que África es un continente que nos hace entender aquello que ni sospechábamos haber perdido: la capacidad de acceder a la experiencia del horror y la belleza del mundo.

Proponer soluciones fue para este arquitecto la forma plausible de hacer preguntas. Como si los encargos no fuesen más que instancias públicas para confrontar el resultado de su propia investigación; analizando hipótesis, racionamientos y experiencias sobre las arquitecturas que se podrían construir en la ciudad; una arquitectura-manifiesto que escoge el desarrollo de un tema compositivo o de un elemento de composición:

- El lugar del intercambio, interpretado en el enfoque del mercado, objeto significativo en África, que ensaya con el mercado de Kinaxixe.

- El Bloque de vivienda colectiva, resuelta como un tratado sobre elementos de distribución: El edificio de la Seguridad Social.

< Fig. 1

Edificio de Oficinas de Mutamba. Foto: M. João Teles

Conta-nos a Lina Bo Bardi, que, em 1936, quando Le Corbusier visitou o Brasil, escreveu uma famosa carta ao Ministro Gustavo Capanema que dizia: Sr. Ministro, não mande construir teatros com palcos e poltronas, deixe as praças, as ruas, o verde - livres - mande somente construir estrados, estruturas de madeira abertas ao povo e o povo brasileiro ocupá-los-á "improvisando" com a sua elegância natural e a sua inteligência. Com desconhecimento ou não destes antecedentes é Vieira da Costa quem, trinta anos depois, falando de Angola, diz a José Quintão: este clima é tão exuberante que é preciso muito pouco para se fazer arquitectura.

Em Vieira da Costa a arquitectura que se afirma resgatando o lugar vive com a paisagem experiências lúcidas e separadas protagonizando um debate sobre os caminhos da arquitectura em África, onde razões climáticas e problemas sociais condicionam a sua procura e exigem a responsabilização do arquitecto face à colectividade, ao todo social.

Ao deixar Rue de Sevres, onde trabalhou com Le Corbusier, escolhendo viver distanciado dos centros onde ganham forma os pólos de gregaridade, Vieira da Costa recusava domesticar as paixões. Percebeu, com uma rara lucidez, que África é um continente que nos faz perceber aquilo de que nem suspeitávamos haver sido expoliados: a capacidade de acedermos à experiência do horror e da beleza do mundo.

Propor soluções foi para este arquitecto a forma possível para levantar questões. Como se as ocasiões de projecto não fossem senão momentos públicos para confrontar o resultado da sua própria investigação, equacionando hipóteses, raciocínios, experiências sobre as arquitecturas que se poderiam construir na cidade; uma arquitectura-manifesto que escolhe o desenvolvimento de um tema compositivo ou de um elemento de composição:

- O lugar da mudança, traduzido na abordagem do mercado, objecto significativo em África, que ele ensaia com o mercado do Kinaxixe.
- O Bloco de habitação colectiva resolvida como um tratado sobre elementos de distribuição -O edifício da Segurança Social
- O desenho planimétrico e tipológico de uma nova implantação, proposição de um micro-modelo de cidade - O L.E.A.
- O carácter da casa colectiva própria da residência universitária - o lar de estudantes
- O edifício da transmissão do saber - A escola Inglesa, a escola de S. Paulo.
- O grande edifício do trabalho, localizado no centro da cidade, através da proposição de uma parede fachada, como um espelho reflector -O edifício de escritórios da Mutamba
- A habitação unifamiliar que no projecto da casa inglesa concilia a tradição clássica, a natureza e " Os cinco pontos de uma arquitectura nova", publicados em 1926, aqui sem o jardim na cobertura em terraço.

VASCO VIEIRA DA COSTA – OS CAMINHOS SOMBREADOS DO SOL

Maria João Teles Grilo

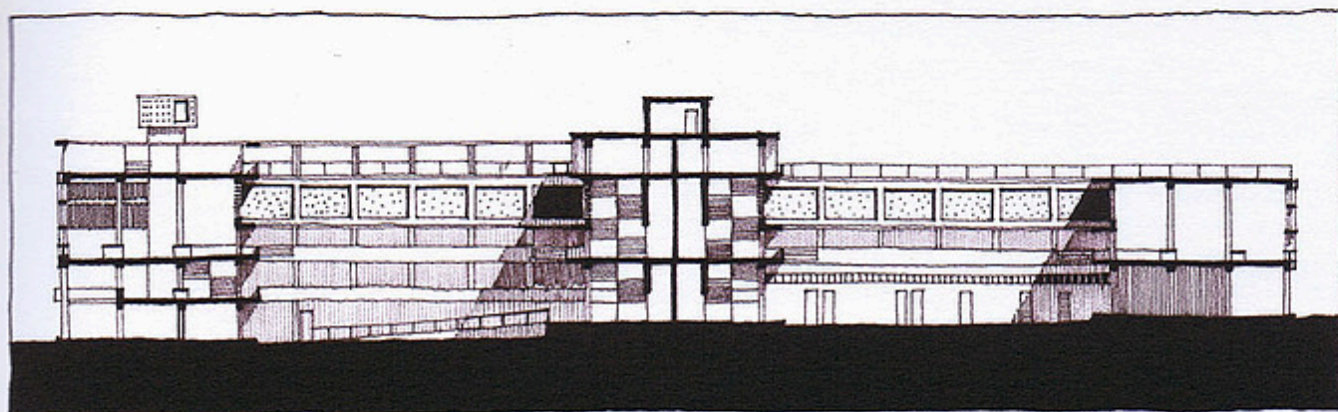


Fig. 2

Mercado de Kinaxixe. Sección.

Dibujo: E. Hernández, G. Sanz y N. Gómez

- El diseño planimétrico y tipológico de nueva implantación, proposición de un micro-modelo de ciudad: El L.E.A.

- El carácter de la casa colectiva, propia de la residencia universitaria: La casa del estudiante.

- El edificio de la transmisión del saber: La escuela Inglesa, la escuela de S. Paulo.

- El gran edificio de trabajo, localizado en el centro de la ciudad, a través de la proposición de una pared-fachada, como un espejo reflectante: El edificio de oficinas de Mutamba.

- La vivienda unifamiliar que, en el proyecto de la casa inglesa, concilia la tradición clásica, la naturaleza y "Los cinco puntos de la nueva arquitectura", publicados en 1926, aquí sin la cubierta-jardín.

Edificios que desafiaron el poder, invitando a repensar la ciudad y a construir los elementos de una ciudad claramente alternativa que hablaba de oposición a la locura con la que se reconfiguraba Luanda en los años 50 y 60; donde el poder colonial se apresuraba en borrar el carácter originario de la ciudad, recurriendo a la aplicación aleatoria de un repertorio internacional desajustado al lugar, a las gentes y al clima.

La formación de Vieira da Costa es europea: hizo la carrera de Arquitectura en Oporto y trabajó con Le Corbusier entre 1945 y 1948. Esta experiencia, decisiva, junto con su formación dentro del Movimiento Moderno, nunca ha sido puesta en duda. Pero sobre todas las enseñanzas recibidas en la Rue de Sevres prevalece la exaltación del lugar. Cada lugar implica una manera de pensar, de poseer su patrimonio de memorias para el cual se construye la continuidad. Vieira da Costa repudiaba la idea de que la arquitectura puede nacer de un acto de creación superficial. El sentido de una racionalidad universal se manifiesta en su capacidad de individualizar los tipos para situarse en una realidad con su carácter y complejidades.

Vieira da Costa alineó su arquitectura con los movimientos del sol y el viento: la luz natural está siempre invitada a jugar sobre las superficies de hormigón, mostrando

Edifícios estes que desafiaram o poder, convidando a repensar a cidade e a construir os elementos de uma urbe lucidamente alternativa que falava de oposição à loucura com que se retalhava Luanda nos anos 50 e 60, apressado que estava o poder colonial em apagar o carácter originário da cidade, recorrendo à aplicação alietória do reportório internacional desajustado ao lugar, às gentes e ao clima.

A formação de Vieira da Costa é europeia: fez o curso de Arquitectura no Porto e trabalhou com Le Corbusier entre 45 a 48. Esta experiência, decisiva, e a sua formação dentro do movimento moderno, nunca são postas em causa. Mas sobre todos os ensinamentos da Rue de Sevres prevalece a celebração do lugar. E cada lugar implica uma maneira de pensar, de possuir o seu património de memórias para o qual se constrói a continuidade. Vieira da Costa repelia a ideia de que a arquitectura pode nascer de um acto de criação superficial. O sentido de uma racionalidade universal manifesta-se na sua capacidade de individualizar os modos para se radicar numa realidade com o seu carácter e as suas complexidades.

Vieira da Costa alinhou a sua arquitectura com os movimentos do sol e do vento: a incidência da luz natural é sempre convidada a jogar sobre as superfícies do betão, mostrando constantemente como ela se difunde criando uma interdependência da luz, do vento e das estações. A eles sacrifica inteligentemente as suas opções formais que condiciona a estrutura. Nela se lê a influência do tempo no comportamento, funcional dos seus edifícios dotando-os no entanto de qualquer coisa essencial - eles corporizam uma alma, traduzem uma ideia e assumem-se explicitamente como objectos de referência, marcos na cidade. Não porque a sua arquitectura seja insólita mas porque cada corpo arquitectónico por ele desenhado parece sempre ter estado ali, ter pertencido à terra, tornando reconhecíveis os lugares geográficos que a sua arquitectura interpreta. O que me faz lembrar a imagem apaixonante com que Le Corbusier caracterizou a Acrópole: "dela não é possível retirar nada e nada pode lá estar senão aqueles elementos, estreitamente interlaçados, que soam tão claros e trágicos como trompetas de bronze"

Quando em 49 volta de Paris, a cidade dos sobrados e dos quintais estava longe das problemáticas da Europa do pós-guerra, mergulhada num crescimento tumultuoso, perdida no conflito exorcizado do paradoxo colonial. Vieira da Costa aceita o desafio: instalar-se e baralhar as cartas mudando as regras do jogo que o poder colonial encobria.

Mercado do Kinaxixe

A encomenda para o mercado do kinaxixe, em 1950, é a sua primeira ocasião pública e o resultado é um marco urbano notavelmente polémico, colocado num dos lugares significantes da cidade, nas margens da sua história, ao qual se pede um papel ordenador, numa altura em que a cidade vive uma incerteza na redefinição da sua estrutura. O lugar não tem nada excepto a sua história. O projecto quer definir o lugar como praça ao mesmo tempo que se define como praça tomando o lugar um elemento urbano. O mercado tradicional de Luanda é um espaço de recinto fechado e organizado quer na sua tipologia oficial quer nas suas manifestações espontâneas. Vieira da Costa situa o projecto entre a praça e edifício recuperando a ideia do recinto

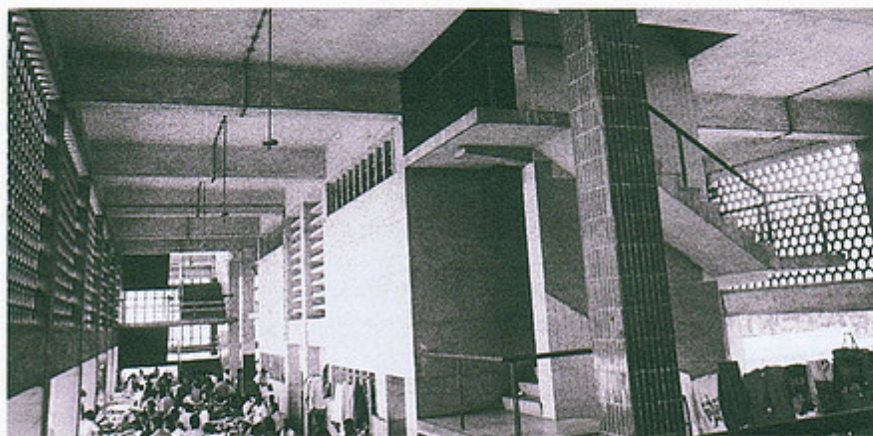


Fig. 3 y 4

Mercado de Kinaxixe. Foto: M. João Teles

constantemente cómo se difunde creando una interdependencia de sol, el viento y las estaciones. A ellas sacrifica inteligentemente las opciones formales que condicionan sus estructuras. La influencia del tiempo se observa en el comportamiento funcional de sus edificios dotándolos, sin embargo, de un algo esencial: materializan un alma, traducen una idea y se asumen, a sí mismos y explícitamente, como objetos de referencia, hitos en la ciudad. No porque su arquitectura sea insólita, pero sí porque cada cuerpo arquitectónico diseñado por él parece haber estado siempre allí, haber pertenecido a la tierra, volviendo reconocibles los lugares geográficos que su arquitectura reinterpreta. Lo que me hace recordar la imagen apasionante con la que Le Corbusier caracterizó a la Acrópolis: "No es posible retirar nada de ella y nada puede estar allí si no son aquellos elementos, estrechamente entrelazados, y que son tan claros y trágicos como trompetas de bronce"

Cuando en 1949 vuelve de París, la ciudad de los sobrados y de las quintas estaba lejos de las problemáticas de la Europa de posguerra, sumergida en un crecimiento tumultuoso, perdida en el conflicto exorcizado de la paradoja colonial. Vieira da Costa acepta el desafío: instalarse en la ciudad y barajar las cartas cambiando las reglas del juego que el poder colonial encubría.

Mercado de Kinaxixe

El encargo del mercado de Kinaxixe, en 1950, es su primera ocasión pública y resultada de un contexto urbano notablemente polémico, situado en uno de los lugares más significativos de la ciudad, en los márgenes de su historia, al que se pide un papel ordenador, en un momento en que la ciudad tiene gran incertidumbre sobre la redefinición de su estructura. El lugar no tiene nada, excepto su historia. El proyecto quiere definir el lugar como plaza, al mismo tiempo que se define como plaza convirtiendo al lugar en elemento urbano. El mercado tradicional de Luanda es un recinto cerrado y organizado tanto en su tipología oficial como en sus manifestaciones espontáneas. Vieira da Costa sitúa el proyecto entre la plaza y el edificio, recuperando la idea de recinto cerrado configurado por un volumen regular unitario, encuentra un modo de ordenarse en ese vacío. El mercado vive para dos plazas internas en torno a las

fechado cercado-o por uma forma regular unitária, encontrando um modo de ordenar-se neste vazio. O mercado vive para duas praças internas em torno das quais se acomodam as estruturas dos serviços e armazéns no piso térreo e as galerias de venda no piso superior. É clara aqui a intenção das formas geométricas puras. A parede brise-soleil do andar superior, aparentemente impenetrável é o elemento permeável através da qual a cidade flui. Os pilotis brilhantes, o pórtico de duplo pé direito, são já elementos usuais na cidade mas as paredes brise-soleil, a estrutura de relação entre os volumes e a decoração policromada sobre a fachada cega, acusam a recente passagem de Vieira da Costa pelo atelier de Le Corbusier. Da cobertura em terraço e irrompem formas geométricas enquanto as guardas desenham linhas abstractas construindo um jardim de pedra só completamente visível num voo de pássaro. Uma arquitectura suspensa como todas as de Vieira da Costa.

Edifício de escritórios do Mulamba

Superfícies permeáveis face as quais a cidade se coloca, elementos fixos através dos quais a cidade flui resumem um tema central da arquitectura de Vieira da Costa particularmente bem desenvolvido no edifício de escritórios, projecto de 68, inicialmente destinado a uma companhia de automóveis na Mulamba (para onde se deslocou o centro da cidade nos anos 50) e que é hoje o edifício do ministério das Obras públicas. Aí existe a Câmara municipal de Luanda e o edifício da Fazenda Pública que funciona como paravento a esconder a modesta cidade histórica.

O Edifício de Vieira da Costa vai ocupar toda a margem Este desta praça colocando-se como elemento de ligação de duas praças resultantes. Um pórtico de duplo pé direito em forma de U (referência à implantação prevalecente na ocupação dos lotes da baixa da cidade – edifícios quarteirão de planta quadrada que liberta o espaço central) implanta-se recuado em relação à margem, numa referência à "L'école en plein air" de tradição racionalista francesa. Sobre esta base assenta um corpo de mais de 40 metros de altura de dupla lamela. Fechado e mecânico por definição, o edifício de escritórios do centro torna-se aqui permeável, comunicante com a atmosfera, através de uma pele rota que encontra a sua justificação funcional como elemento de protecção da irradiação solar, transformando a parede brise-soleil em fachada autónoma, como uma segunda pele, separada 90 centímetros da verdadeira estrutura mural do edifício. A existência do muro desaparece, ele é um ecrã abstracto sobre o qual se projecta o caminho sombreado do sol. Os elementos de protecção solar são desenhados segundo um quadrado de 50 centímetros combinados e sobrepostos. A estrutura dos quebra-sois não acusa as secções do edifício nem torna possível a individualização dos lugares de trabalho querendo explicitar na uniformidade as necessidades do trabalho colectivo – como um enorme manifesto, um gigantesco espelho. No interior, a lamela divide-se em duas partes em volta de um percurso que, nas extremidades, se alarga para poder aspirar o ar. O ingresso axial, a discreta assimetria da portaria, a colocação das salas e gabinetes alinhados simplesmente num corredor central, afasta como artificiosa a complexidade da distribuição que se resume à contenção entre duas paredes suspensas, altas sobre o solo, sem compromissos com a continuidade.

Fig. 5 y 6 >

Edifício de Oficinas de Matamba. Foto: M. João Teles

cuales se sitúan las instalaciones de servicios y almacenes en planta baja y las galerías de venta en el piso superior. Queda aquí clara su intención de usar formas geométricas puras. La fachada *brise-soleil* del piso superior, aparentemente impenetrable, es el elemento permeable a través del cual la ciudad fluye. Los brillantes *pilotis* y el soportal de doble altura son ya elementos usuales en la ciudad pero las fachadas *brise-soleil*, la estructura de relación entre los volúmenes y la decoración policromada sobre la fachada ciega, reflejan el reciente paso de Vieira da Costa por el taller de Le Corbusier. De la cubierta en terraza nacen formas geométricas, donde los antepechos diseñan líneas abstractas construyendo un jardín de piedra sólo completamente visible a vista de pájaro. Una arquitectura suspendida como todas las de Vieira da Costa.

Edificio de oficinas de Mutamba

Superficies permeables frente a las cuales se sitúa la ciudad, elementos fijos a través de los cuales la ciudad fluye, resumen un tema central de la arquitectura de Vieira da Costa, particularmente bien resuelto en el edificio de oficinas, proyecto de 1968, inicialmente destinado a una compañía de automóviles en Mutamba (hacia donde se desplazó el centro de la ciudad en los años 50) y que es hoy el edificio del Ministerio de Obras Públicas. Ahí está el Ayuntamiento de Luanda y el edificio de Hacienda Pública que funciona como pantalla para esconder la modesta ciudad histórica.

El edificio de Vieira da Costa va a ocupar todo el margen Este de la plaza, colocándose como elemento de conexión de las dos plazas resultantes. Un soportal de doble altura en forma de U (referencia a la implantación preferente en la ocupación de los solares de la parte baja de la ciudad: edificios de planta cuadrada que ocupan toda la manzana y que liberan el espacio central) que se sitúa retranqueado respecto al alineamiento, una referencia a "L'école en plein air" de tradición racionalista francesa. Sobre esta base coloca un cuerpo de más de 40 metros de altura de doble membrana. Cerrado y mecánico por definición, el edificio de oficinas del centro se vuelve aquí permeable, comunicado con la atmósfera, a través de una piel abierta que encuentra su justificación funcional en cuanto elemento de protección de la radiación solar, transformando la pared *brise-soleil* en fachada autónoma, como una segunda piel, separada 90 centímetros de la verdadera estructura mural del edificio. La existencia del muro desaparece, es una pantalla abstracta sobre la cual se proyecta el camino sombreado del sol. Los elementos de protección solar son diseñados siguiendo una cuadrícula de 50 cm, combinados y superpuestos. La estructura de los parasoles no refleja las secciones del edificio ni hace posible la individualización de los lugares de trabajo, queriendo concretar en la uniformidad las necesidades del trabajo colectivo – como un enorme manifiesto, un gigantesco espejo. En el interior, la membrana se divide en dos partes alrededor de un recorrido que, en los extremos, se alarga para poder aspirar el aire. El acceso axial, la discreta asimetría de la portería, la ubicación de las salas y despachos alineados simplemente en un pasillo central, convierte en artificiosa la complejidad de la distribución, reducida a contenerla entre divisiones autónomas, levantadas sobre el suelo, sin compromisos con la continuidad.

Edificio de viviendas para la Seguridad Social

El fluir del espacio y de la luz a través del edificio, la atención dada a las ventilaciones



Edifício habitacional para os servidores do Estado

O fluir do espaço e da luz através do edifício, a atenção às ventilações transversais e o problema das tipologias de distribuição, caracterizam um dos mais notáveis edifícios de Vieira da Costa – o bloco habitacional, habitações de baixo custo para os servidores do Estado. Projecto de 1965 onde o arquitecto se confronta com um tema sobre o qual se mediu e debruçou muito do trabalho de arquitectura deste século – a unidade de habitação colectiva. Aqui o projecto faz-se instrumento de reflexão entendido segundo a ideologia do funcionalismo onde a obra é o que a investigação fixa como objectivo dessa mesma investigação.

Vieira da Costa não foi oficialmente um urbanista. Pagou caro a serena recusa de se comprometer com o poder colonial. Dele, conhecem-se apenas urbanizações de baixa densidade para zonas periféricas da cidade. Porém todos os seus projectos têm como característica comum a atenção às relações de tipo urbano entre edifício e edificado: a posição sobre o lote, sempre já delimitado, a relação entre o edifício e a estrada, o tratamento dos acessos, são equacionados com a convicção de que através do objecto arquitectónico teria sido possível resolver o desenho da cidade. Paradigmático é o caso deste edifício na Av. Amílcar Cabral. Vieira da Costa recua o edifício em relação à estrada. Não faz terraplanagens. Implanta o edifício como uma prancha de saltos. Uma estrutura de pilotis suspende do vazio o edifício. Pilares e vigas acusadas na fachada posterior fazem desta estrutura um forte elemento formal, muito ritmado. Nivelada à cota do braço que descansa sobre o terreno, o primeiro nível, o da entrada principal, assume-se como miradouro debruçado sobre a colina do bairro Alvalade. A fachada tardo do edifício é fechada por uma parede contínua de escadas, paralela a este corpo deitado. Os percursos públicos feitos em galeria, os pátios de ingresso que se organizam com as zonas de serviço num jogo de vazios sequenciais. Os espaços privados, de mediação e os públicos sucedem-se e ligam-se definindo o carácter e a qualidade urbana do edifício. O desenho, entendido como um instrumento intermédio onde trabalha a ideia, o conceito espacial, ostenta orgulhosamente a estrutura.

Organizada segundo duas redes de circulação, o percurso dos homens e o percurso dos ventos, perpendiculares, o projecto define-se usando os cortes como instrumentos privilegiados de análise crítica, de controle dos sistemas de ventilação transversal.

Casas protótipo unifamiliares. Cazenga

Contraopondo ao paradigma do habitat na cidade do cimento, um destaque semelhante poderá ser dado ao projecto das casas protótipo para o bairro Cazenga, de 1962, que pode considerar-se como uma reflexão atenta sobre o problema do muceque. Projecto para casas económicas em que o arq. se propõe perceber uma racionalidade intrínseca no modo africano de habitar e propõe orientar com os movimentos do sol e o do vento uma malha racional onde se inserem as habitações unifamiliares.

Belíssimos desenhos concebidos como desenhos de montagem, em blocos de cimento, numerados, bases de apoio à autoconstrução que para Vieira da Costa, era um acto de posse da terra e uma forma de colaboração num processo colectivo de crescimento.





Fig. 9

Viviendas unifamiliares, Cazenga. Foto: M. João Teles

transversales y el problema de las tipologías de distribución caracterizan uno de los más notables edificios de Vieira da Costa: el bloque habitacional, viviendas de bajo coste para los funcionarios del Estado. Proyecto de 1965 donde el arquitecto se enfrenta a un tema sobre el cual se midió y apoyó gran parte del trabajo de arquitectura de este siglo: la unidad habitacional colectiva. Aquí el proyecto se convierte en instrumento de reflexión, entendido según la ideología del funcionalismo donde la obra es lo que la investigación fija como objetivo de la propia investigación.

Vieira da Costa no fue oficialmente urbanista. Pagó cara la serena negativa a comprometerse con el poder colonial. De él apenas se conocen urbanizaciones de baja densidad para zonas periféricas de la ciudad. Empero todos sus proyectos tienen como característica común la atención a las relaciones urbanas entre el edificio y lo edificado: la posición sobre la parcela, siempre delimitada; la relación entre el edificio y la calle; y el tratamiento de los accesos son planteados con la convicción de que a través del objeto arquitectónico sería posible resolver el diseño de la ciudad. Paradigmático es el caso de este edificio de la Av. Amílcar Cabral. Vieira da Costa lo retranquea en relación a la calle. No hace terraplenes. Implanta el edificio como un trampolín. Una estructura de pilotis permite el vacío del edificio. Pilares y vigas reflejadas en la fachada posterior hacen de esta estructura un ritmo y potente elemento formal. Nivelado a la cota del cuerpo que descansa sobre el terreno, el primer nivel, el de la entrada principal, se entiende como un mirador abierto sobre la colina del barrio de Alvalade. Una pared continua de escaleras, paralela al cuerpo horizontal cierra la fachada posterior. Los recorridos públicos resueltos en galería, los patios de acceso que se organizan con las zonas de servicio en un juego de vacíos secuenciales. Los espacios privados, de mediación y los públicos se suceden y vinculan definiendo el carácter y la cualidad urbana del edificio. El diseño, entendido como un instrumento intermedio donde trabaja la idea, el concepto espacial, ostenta orgullosamente la estructura.

Organizado siguiendo dos redes de circulación perpendiculares, el recorrido de las personas y el movimiento del viento, el proyecto se define empleando las secciones como instrumentos privilegiados de análisis crítico, de control de los sistemas de ventilación transversales.

Viviendas unifamiliares, Cazenga

Oponiéndose al paradigma del hábitat en la ciudad del cemento y dándole una importancia semejante, estaría el proyecto de casas prototipo para el barrio de Cazenga, de 1962, que cabe considerar como una reflexión atenta sobre la problemática del musseque. Proyecto para casas económicas donde el arquitecto se propone entender la idiosincrasia intrínseca del modo de habitar africano y propone orientar con los movimientos del sol y el viento una retícula racional donde se insertan las viviendas unifamiliares.

Bellísimos proyectos concebidos como diseños de montaje, en bloques de cemento numerados, bases de apoyo a la autoconstrucción que, para Vieira da Costa, era un acto de posesión de la tierra y una forma de colaboración en un proceso colectivo de desarrollo.

< Fig. 7 y 8

Edificio de Viviendas para la Seguridad Social. Foto: M. João Teles

Duas ordens de espaços são aqui relacionadas: os públicos e os privados contemplando os tipos de relação familiar das culturas autóctones.

Reafirmando mais uma vez a sua recusa em aceitar esquemas formais preestabelecidos, deixando que o contexto e o lugar contribuam e definam o modo de pensar e construir.

E quando pelo corpo arquitectónico lhe parece impossível enunciar o desenho da cidade, recorre à proposição de um micro modelo como no seu projecto para o L.E.A., iniciado em 1965 e hoje por concluir.

L.E.A.

Tratado por um organismo urbano, o lugar do trabalho, de reflexão, de experimentação, transforma-se numa cidade estúdio. É aqui clara a recusa do modelo do " Campus" dos pavilhões disseminados numa estrutura verde. Um projecto sorridente e tranquilo de zoning, que Gianni Accasto considera uma sùmula da autobiografia poética do arquitecto.

Uma implantação quase de catálogo, racionalista: o eixo principal da estrada alarga-se individualizando as praças com um recurso contínuo a soluções do tipo micro-ambiental que partem da composição de elementos diferentes albergando uma diversidade de situações tipológicas, todas elas construídas com dois materiais – a madeira e o betão, tratados com a mestria que lhe conhecemos na definição dos detalhes e das ligações.

As condições materiais da sociedade Angolana impuseram-se ao exercício profissional como um desafio e um limite mas Vieira da Costa foi capaz de produzir com materiais pobres a sensação de uma matéria têxtil e viva.

- Casas enfileiradas ligadas por pátios cujos frontispícios estão dispostos perpendicularmente ao eixo da estrada principal, albergam os escritórios. As telas de betão cego, desenhadas como memórias dos desenhos de infância, resultam como apoio da estrutura em madeira que, no interior, organiza o espaço de trabalho em duplo pé direito.

- Os laboratórios do pavilhão de química, que se alinham simplesmente num corredor central, ocupam um corpo deitado que dá as mãos a duas séries de escritórios e é iluminado por uma fissura contínua na parte superior das fachadas e imediatamente protegida por uma pala.

- O edifício administrativo e da biblioteca, edifício de lamelas, cujos espaços de circulação e de distribuição se fazem perifericamente em relação aos serviços.

- Os lugares de trabalho mecânico, os pavilhões de materiais de construção e as oficinas, com as paredes brise soleil feitas de elementos pré-fabricados de cimento que filtram a luz, alternadas de grandes portões basculantes, as paredes divisórias que delimitam os espaços de trabalho sem os fecharem, permitindo que a ventilação transversal se faça através de frestas e persianas móveis de madeira, são uma interpretação possível da cidade fora do seu centro, feita de estradas, praças, largos, diferentes tipologias, segundo um desenho reconhecível com uma enorme integração

Fig. 10 y 11 >

L.E.A. Foto: M. João Teles

Dos órdenes de espacios se encuentran aquí relacionados: los públicos y los privados, contemplando los tipos de relación familiar propia de las culturas autóctonas. Reafirmando una vez más su negativa a aceptar esquemas formales preestablecidos, dejando que el contexto y el lugar contribuyan y definan el modo de pensar y construir.

Y, cuando por las características del edificio considera imposible abordar el diseño urbano, recurre a proponer un micro-modelo de ciudad, como en su proyecto para el L.E.A., iniciado en 1965 y todavía por concluir.

L.E.A.

Tratado como un organismo urbano, el lugar de trabajo, reflexión y experimentación se transforma en una ciudad estudio. Su oposición al modelo de un "Campus" con pabellones diseminados en un espacio verde es clara. Un proyecto prometedor y tranquilo de zonificación, que Gianni Accasto considera el sumum de la autobiografía poética del arquitecto.

Implantación casi de catálogo racionalista: el eje principal de la calle se alarga individualizando las plazas recurriendo de manera continua a soluciones de tipo micro-ambiental que parten de la composición de diferentes elementos que albergan una diversidad de situaciones tipológicas, todas ellas construidas con dos materiales – madera y hormigón– tratados con la maestría que le conocemos en la definición de detalles y encuentros.

Las condiciones materiales de la sociedad angoleña se impusieron al ejercicio profesional como desafío y límite, pero Vieira da Costa fue capaz de producir con materiales pobres la sensación de una materia ligera y viva.

- Casas en hilera conectadas por patios cuyas fachadas están dispuestas perpendicularmente al eje de la calle principal, albergan las oficinas. Los paños ciegos de hormigón, proyectados rememorando diseños de la infancia, sirven como apoyo de la estructura de madera que, en el interior, organiza el espacio de trabajo en doble altura.

- Los laboratorios del pabellón de química, que se alinean directamente a un pasillo central, ocupan un cuerpo horizontal que entronca con dos series de oficinas iluminado por una abertura continua en la parte superior de las fachadas e inmediatamente protegida por un parasol.

- El edificio de administración y biblioteca, edificio de membranas, cuyos espacios de circulación y distribución se sitúan periféricamente respecto a los servicios.

- Los talleres de mecánica, los pabellones de materiales de construcción y las oficinas, con las paredes *brise-soleil* construidas con elementos prefabricados de hormigón que filtran la luz, alternadas por grandes puertas basculantes, las paredes divisorias que delimitan los espacios de trabajo sin cerrarlos, permitiendo que la ventilación transversal se realice a través de rendijas y persianas móviles de madera, son una posible interpretación de la ciudad fuera de su centro, hecha de calles, plazas, rincones, diferentes tipologías, siguiendo un diseño reconocible bien integrado al área verde. En el L.E.A. la luz se convierte en el lenguaje que le permite desarrollar un discurso en una



da estrutura verde. No L.E.A. a luz torna-se linguagem que lhe permite colocar num discurso uma instituição onde o espaço é um instrumento de conhecimento que serve para compreender e fazer compreender.

Escola de Arquitectura de Luanda

Dedicou os últimos anos da sua vida à criação da escola de Arquitectura de Luanda, projecto alimentado desde 1973. De 1979 a 1982 orientou os primeiros passos desta casa com exemplaridade didáctica com que viveu em Luanda a sua profissão à qual imprimiu uma grande consciência social. Abordava apaixonadamente o último dos seus temas: A formação deontológica do arquitecto para o qual a escola se assumia como um lugar de iniciação, capaz de despertar a capacidade de, sempre sós, irem aprendendo e percebendo o essencial de uma profissão que Vieira da Costa entendia ser uma arte e uma técnica de criação (e não de aplicação) que parte de dados sociais, políticos, económicos e técnicos em constante mutação. Mais uma vez quis que fosse perfeita e perfeitamente adaptável ao País a construir e que adoptou como seu. O ensino, como ele também sabia, é parte da luta contra a dependência. Concluiu o ciclo da sua vida desenvolvendo o seu mote sempre presente: A vontade de ensinar.

Em conclusão

Vieira da Costa construiu hipóteses sobre as quais será sempre possível imaginar e aprender confirmando-nos a certeza de que, mesmo em condições de extrema dificuldade, a arquitectura pode e deve ser o principal construtor da cidade. Por isso me apraz pensar na sua arquitectura como uma continua arquitectura interrompida e da qual não se poderá prescindir na reconstrução da cidade.

Nos corpos desenhados por Vieira da Costa as dimensões corporizam-se construindo os espaços imbuídos de valor humano. Resiste neles a memória de uma ideia enquanto se modificam e vivem as contingências urbanas através do incessante passar do tempo, do tempo com que se nutre a natureza cumulativa, cultural, das cidades.

Pergunto-me como veria Vieira da Costa os efeitos da ânsia de modificação nos seus edifícios?

Qual o dialogo entre os objectos modernos e a cultura (que segundo Hegel é um estado incessante de tornar-se)? Como aplicar este conceito de um constante cancelamento de si, combinado com a preservação do essencial? Não sei a resposta mas citando Italo Calvino no seu artigo "Brasília Revisitada", reescrevo:

" A verdade é que não foi a civilização machinista que construiu as suas próprias utopias. Na Rússia subdesenvolvida nasceu S. Petersburgo e foi no terceiro mundo do sul que se construiu a primeira cidade moderna. A poesia dos Lusíadas não promoveu o futuro de Portugal nem os sonhos de Marx e de Le Corbusier se realizaram num mundo avançado. Tudo se passou afinal como se, onde a ciência, a tecnologia e o desenvolvimento económico são puro sonho, nada parecesse mais possível, nada fosse mais natural do que a utopia."

A obra de Vieira da Costa é uma afirmação de beleza conseguida com o rigor que somente uma realidade pode dar.



institución donde el espacio es un medio de conocimiento que sirve para comprender y hacer comprender.

Escuela de Arquitectura de Luanda

Dedicó los últimos años de su vida a la creación de la Escuela de Arquitectura de Luanda, proyecto esbozado desde 1973. De 1979 a 1982 guió los primeros pasos de esta casa con la ejemplaridad didáctica con la que vivió en Luanda una profesión a la que imprimió una gran consciencia social. Abordaba apasionadamente el último de sus temas: la formación deontológica del arquitecto para el que la escuela fuese un lugar de iniciación, capaz de despertar la capacidad de que, siempre solos, fueran aprendiendo y percibiendo lo esencial de una profesión que Vieira da Costa entendía como un arte y una técnica de creación (no de aplicación) que parte de datos sociales, políticos, económicos y técnicos en constante cambio. Una vez más, quiso que fuese perfecta y perfectamente adaptada al país por construir y que adoptó como suyo. La enseñanza, como bien sabía, es parte de la lucha contra la dependencia. Concluyó el ciclo de su vida desarrollando un tema para él siempre presente: la voluntad de enseñar.

A modo de conclusión

Vieira da Costa construyó hipótesis sobre las cuales será siempre posible imaginar y aprender, confirmándonos la certeza de que aún en condiciones de extrema dificultad, la arquitectura puede y debe ser el principal constructor de la ciudad. Eso me hace pensar en su obra como en una continuidad arquitectónica interrumpida, de la que no se podrá prescindir en la reconstrucción de la ciudad.

En los volúmenes proyectados por Vieira da Costa, las dimensiones se materializan construyendo espacios imbuidos de valor humano. Persiste en ellos la memoria de una idea, en cuanto se modifican y viven las contingencias urbanas a través del incesante paso del tiempo, del tiempo con el que se nutre la naturaleza acumulativa, cultural, de las ciudades.

Me pregunto cómo vería Vieira da Costa los efectos del (actual) ansia de transformación en sus edificios.

¿Cuál es el diálogo entre los objetos modernos y la cultura (que según Hegel está en un estado incesante de conversión)? ¿Cómo aplicar la idea del constante agotamiento, combinado con la preservación de lo esencial? No sé la respuesta, pero citando a Italo Calvino en su artículo "Brasilia Revisitada", reescribo:

"La verdad es que no fue la civilización maquinista la que construyó sus propias utopías. En la Rusia subdesarrollada nació S. Petersburgo y fue en el tercer mundo del sur donde se construyó la primera ciudad moderna. La poesía de las "Lusíadas" no promovió el futuro de Portugal ni los sueños de Marx y de Le Corbusier se realizarían en un mundo avanzado. Al final pasó como si, donde la ciencia, la tecnología y el desarrollo económico eran puro sueño, nada pareciese más posible, nada fuese más natural que la utopía."

La obra de Vieira da Costa es una afirmación de la belleza conseguida con el rigor que sólo una realidad puede dar.

< Fig. 12 y 13

L.E.A. Foto: M. João Teles

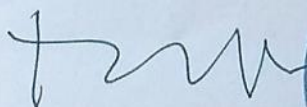


Dr. Arq. Roberto Goycoolea Prado, Director del Departamento de Arquitectura de la Universidad de Alcalá y Arq. Paz Núñez Martí, Coordinadora de la **Jornada Internacional “La modernidad ignorada. Arquitectura moderna en Luanda, Angola”**, celebrada el 9 de noviembre de 2011 en la Escuela Técnica Superior de Arquitectura y Geodesia de la Universidad de Alcalá,

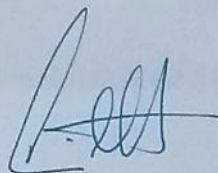
CERTIFICA QUE

Dña. **Maria João Teles Grilo**, Arquitecta, impartió, en el marco de la citada Jornada Internacional, la conferencia “*Arquitectura moderna en Luanda*”.

Se extiende el presente certificado, para los fines que la interesada considere oportuno, en Alcalá de Henares, Madrid, España, a 9 de noviembre de 2011.



Roberto Goycoolea Prado



Paz Núñez Martí

DESTINATARIOS

Arquitectos, técnicos, historiadores, geógrafos, sociólogos urbanistas y todos aquellos interesados en la recuperación del patrimonio como herramienta de cooperación al desarrollo en países del sur.

INFORMACIÓN

Roberto Goycoolea Prado

Paz Núñez Martí

Escuela Técnica Superior de Arquitectura y Geodesia. Univ. Alcalá.

C/ Santa Úrsula 8.28.801 Alcalá de Henares, Madrid.

cooperacion.etsag@gmail.com

la modernidad ignorada somos:

Dirección: Roberto Goycoolea Prado
Paz Núñez Martí
Univ. Alcalá.

Colaboradores: Fernão Simões de Carvalho. Arqto. Univ. Lisboa-Luanda
José Manuel Fernandes. Dctor. Arqto. Univ. Técnica Lisboa.
Manuela Fonte. Dctor. Arqto. Univ. Técnica Lisboa
Inês Lima. Arqto. Univ. Técnica Lisboa. UPC Barcelona.
Isabel María Martins. Dctor. Arqto. Univ. Agostinho Neto
Isabel Raposo. Dctor. Arqto. Univ. Técnica Lisboa.
Jorge Spencer. Dctor. Arqto. Univ. Técnica Lisboa.
María João Teles Grilo. Arqto. Luanda.
Ana Tostões. Dctor. Arqto. Presidenta DoCoMoMo Internacional. IST-UTL
Ana Vaz Milheiro. Dctor. Arqto. ISCTE_IUL, Dinâmia_CET

Edición: Carlos Anaya Sahuco

Exposición: Carlos García Gutiérrez

Página Web: Laida Memba Ikuga

Dibujos: Nuria Gómez del Campillo Martín
Eduardo Hernández del Caz
Germán Sanz Calvo

jornada internacional la modernidad ignorada arquitectura moderna en luanda. angola

miércoles, 9 de noviembre de 2011
9.30 h – 19.00 h

Salón de Actos.
E. T. S. de Arquitectura y Geodesia. UAH.
C/ Santa Úrsula 8.
28.801 Alcalá de Henares. Madrid.



do.co.mo.mo

La modernidad ignorada

arquitectura moderna en Luanda

Una serie de jóvenes arquitectos europeos, especialmente portugueses, junto a algunos colaboradores locales, participaron durante la década de 1950 a la de 1970 en la configuración de una ciudad moderna, Luanda.

Una ciudad, basada en diseños y sistemas constructivos adecuados tanto a la situación socio-económica del país como a las particulares condiciones climáticas subtropicales de la bahía de Luanda. Sin caer en retóricas fáciles, es posible afirmar que se trata de uno de los casos más singulares de la aplicación a gran escala de los principios de los CIAM (Congresos Internacionales de Arquitectura Moderna), probablemente, a nivel mundial.

Pese a su interés, la arquitectura moderna de Luanda en particular y de África Subsahariana en general, son prácticamente desconocidas, como lo muestra el hecho que casi no se mencionada en la historiografía y crítica arquitectónica, al menos en la española.

Las ciudades, la arquitectura, pese a su aparente firmeza son débiles si no se las cuida. La larga guerra civil desencadenada tras la independencia del país (1975-2002), generó bien por la propia contienda, bien por falta de mantenimiento, una degradación de este excepcional patrimonio. A esta degradación se suma la amenaza de su destrucción por una reconstrucción de la ciudad que desconoce el valor de una arquitectura moderna consecuente con las bases sociales que estos arquitectos proponían en su obra.

Esta Jornada pretende visibilizar y dar a conocer un urbanismo y una arquitectura al servicio de la sociedad, innovadora en sus planteamientos y sin embargo fieles al cambio propuesto por el Movimiento Moderno para una nueva forma de entender la arquitectura.

PROGRAMA

10.00 h. Presentación proyecto investigación:

La modernidad ignorada

Paz Núñez Martí. *Arquitecta y co-directora Jornada, Univ. Alcalá*

Roberto Goycoolea. *Dctor. Arqto y co-director Jornada, Univ. Alcalá*

10.15 h. Sesión Crítica:

Estrategias de investigación sobre el movimiento moderno.

Inês Lima. *Arqto. Univ. Técnica de Lisboa, UPC Barcelona.*

Roberto Goycoolea Prado. *Dctor. Arqto. Univ. Alcalá*

Carlos García Gutiérrez. *Estudiante ETSAG, Univ. Alcalá*

12.00 h. Café

12.30 h. Inaguración:

La modernidad ignorada

Excmo. Sr. D. Víctor Manuel Rita da Fonseca Lima.

Embajador de Angola en España.

D. Javier Rivera Blanco.

Vicerrector Extensión Universitaria y Relaciones Institucionales, Univ. Alcalá.

Pilar Chias Navarro. *Directora ETSAG, Univ. Alcalá*

Roberto Goycoolea. *Director Departamento Arquitectura, Univ. Alcalá*

13.00 h. Conferencia Magistral:

La arquitectura moderna de Luanda y sus autores.

Fernão Simões de Carvalho

Arquitecto-urbanista. Nacido en Angola (1929), estudia en Portugal y trabaja durante cinco años en el Atelier de Le Corbusier. De regreso a Angola se transforma en uno de los protagonistas de la Luanda Moderna realizando el primer Plan Director de Luanda y diversos edificios habitacionales e institucionales, reconocidos hoy por instituciones como la UNESCO DoCoMoMo.

Jorge Spencer. *Dctor. Arqto. Univ. Técnica de Lisboa.*

14.15 h. Inauguración de la exposición:

La modernidad ignorada. Arquitectura moderna de Luanda.

14.30 h. Comida

16.00 h. Ponencias:

Recuperación y rehabilitación del patrimonio moderno.

Ana Tostões. *Dctor. Arqto. Presidenta Docomomo Internacional. IST-UTL*

Arquitectura moderna portuguesa en territorios de Ultramar

José Manuel Fernandez. *Dctor. Arqto., Univ. Técnica Lisboa*

Arquitectura moderna en Luanda.

María João Teles Grilo. *Arqto. Luanda.*

18.30 h. Conclusiones.

Roberto Goycoolea Prado y Paz Núñez Martí

Directores del proyecto de investigación: "La modernidad ignorada. Arquitectura moderna Luanda". (Comunidad de Madrid, Fundación Univ. de Alcalá)